

A VELHA GUARDA

Orgão local do Partido Republicano Português

Editor:

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Redactor principal:

AGOSTINHO F. ROCHA

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:—RUA ELIAS GARCIA, 46 — Composto e impresso na Tip. de A VELHA GUARDA—Rua Elias Garcia, 46 — GUIMARÃES

ELEIÇÕES

Realisa-se domingo a eleição suplementar de um deputado pelo circulo de Guimarães.

Entre os vários candidatos figura um cuja candidatura é patrocinada pela autoridade superior do distrito, o que, nos nossos tempos, equivale a dizer que é assegurado o seu triunfo.

Não o conhecemos e ignoramos por isso quais sejam as suas qualidades tribunicias. Mas isso pouco importa para o caso. O que mais nos interessa é saber que Guimarães vai mais uma vez ficar sem um representante seu no parlamento e contra este facto nos cumpre levantar o nosso mais energico protesto.

E' a terceira vez que neste ano se procede a eleições de deputados por este circulo e a cidade que é a sua sede continua impossibilitada de mandar ao parlamento um filho seu que a defenda com amor e carinho' porque assim apraz aos altos mentores da actual situação politica no distrito.

Povoações de importancia muito menor que Guimarães tem sabido impor a sua vontade e orgulharam-se de ter no Parlamento os seus nuntios e verdadeiros representantes, cuja escolha foi de sua unica e livre vontade.

Guimarães, cidade importantissima pela sua industria, pelo seu commercio, pela sua população, tem como representante um desconhecido qualquer que por esta ou aquella razão seja necessario guindar às cadeiras de S. Bento.

Não importa saber se o candidato é ou não conhecedor das necessidades do concelho ou se tem de Guimarães alguma idea; o que interessa é fazer triunfar a candidatura porque assim o deseja, assim o quer quem tudo manda, quem tudo orienta no distrito.

E' profundamente lamentavel o que se está passando ha um tempo a esta data no concelho de Guimarães e verdadeiramente vergonhoso que se deixe assim exorahar um meio que deveria impor-se ao respeito e consideração dos poderes centrais.

Guimarães não é nada no concerto governamental.

Os assuntos de capital importancia para a cidade e que deviam ter a trata-los um filho do concelho que com desvelo os zelasse são inteiramente postos de parte, vergonhosamente olvidados por aque-

les a quem compatia providenciar. E, quando se trata de brindar este ou aquele com o chapéu tribunicio, então sim, é que lembra Guimarães, para lhe fazer, aceitar como se bom fóra, aquilo que aos outros aprouve escolher. E é para isto que está no Governo o Partido Republicano Português? E' para isto que existe um Directorio desse partido que apregoa aos quatro ventos a necessidade de todos se unirem, disciplinados e fieis? E' para isto que se diz que os deputados são os verdadeiros representantes dos povos e como tais levam ao parlamento a tradução da sua vontade, a expressão de seu querer, a confissão das suas necessidades? E' para isso que se reclama o cumprimento de leis organicas, o respeito das judicacões locais, a sancção das organisações supremos dos partidos?

E' para isso que se apregoa que as urnas devam ser inteiramente livres, não se exercendo sobre o eleitor coacção de especie alguma? E' para isso que se recomenda às autoridades administrativas uma isenção absoluta nos actos electorais?

Será tudo isto, enquanto outros vos mais alto se não levanta. Uma vez perisso que um capricho pessoal, uma conveniencia individual se impuseram a quem por este ou por aquele motivo dirige a politica em determinada região cessam todos os direitos, caducam todas as prerrogativas, acabam todas as disposições legais.

E assim é que Guimarães votada ao abandono, despresada nas suas mais justas reclamações, vilipendiada nos seus mais sagrados direitos vai assistir á eleição, como seu representante no parlamento, de um deputado que nem de vista tem a ventura de conhecer e que naturalmente tambem apenas sabe o nome da sede do circulo que o elego.

E' a suprema das vergonhas, e contra uma afronta de tal ordem deveria levantar-se em veemente protesto todo o vimezanense verdadeiramente amante da sua Terra. Mas não: infelizmente a vergonha não pára aqui; ainda ha em Guimarães espiritos tão pequenos que se prestam a servir de mercenários á vontade e capricho de quem tão abusivamente nos impõe um deputado a quem nada podemos exigir. Ainda ha em Guimarães quem

se preste a trabalhar com afinco para o ruído triumpho da candidatura imposta, se é que mesmo servilmente a não mendigaram. E esses, não tendo péjo de dizer-se amigos de Guimarães, não ouvindo o rebate da consciencia que os ha-de acusar de traidores á sua terra, lá vão radiantes arrebancar os incautos para o triunfo do seu jantiguado.

Pois vão muito embora, porque não irã sem a nossa viva repulsa.

Protestamos contra a afronta vergonhosa que mais uma vez se faz a Guimarães.

Protestamos contra a inação do Directorio do Partido que assim permite que seja enxovaihada a lei organica.

Protestamos contra a interferencia da autoridade distrital e de quem a inspira num assunto que só a Guimarães compete discernir.

Protestamos contra os fingidos amigos de Guimarães que colaboram ao roubo á cidade e á Republica dos seus mais respeitveis direitos.

Não vamos á urna; não será com o nosso voto que ha-de sancionar-se tão repelente monstruosidade e estamos certos que como nós pensam todos aqueles que albergam no seu intimo o sincero e verdadeiro amor bairrista.

Não será com o nosso consentimento que se ha-de consumir o facto e por isso lá estaremos, no domingo, junto ás urnas, como sentinelas vigilantes dispostos a não consentir que delas saia a mentira de uma concorrência que de antemão temos a certeza que não vão ter. Roubaram-nos o direito de escolhermos o nosso representante, mas não se hão-de orgulhar de confiar-lhe *ad libitum* os votos, porque nós não consentiremos.

Bem sabemos que para o caso pouco importa que a votação de Guimarães seja diminuta ou mesmo ridicula.

Lá estão os outros concelhos que são cuidadosamente, habilmente, inteiramente manejados pela autoridade distrital e que obdecendo-lhe cegamente irã engrossar a votação do neo deputado.

Mas isso será mais um motivo de protesto da nossa parte por pretenderem abafar a nossa voz com a dos outros concelhos onde á vontade impera a ditadura distrital.

E serenamente poderemos dizer

bem alto que Guimarães foi roubada, mas não sancionou com os seus votos o monstruoso roubo.

Não votamos, mas lá estaremos a fiscalisar as urnas para até ao fim levarmos o nosso energico protesto.

Bairros operários

Tem-se referido o *Comercio de Guimarães*, á grande necessidade que ha de nesta terra se construir bairros operários.

Tem toda a razão o nosso colega. Mas, se um bairro operário ainda não existe nesta cidade, a culpa é somente dos seus correligionários monarchicos que administraram o municipio desde Dezembro de 1917 a Fevereiro deste ano.

A Câmara Municipal, constituida por elementos do nosso Partido, que geria o municipio em 1917, ia, immediatamente, proceder á construção desse bairro, para o que já tinha vencido todos os inumeros e demoradissimos obstáculos que para empreendimento desta natureza a nose desgraçada burocracia inventa.

Arrancará do Parlamento uma lei autorizando-a a contrair um empréstimo e já tinha esse empréstimo tomado por uma importante casa bancaria, quando os monarchicos, furiosamente, lhe disputaram a Administração do Municipio de que, por fim, se apossaram em acto revolucionário.

O projecto do bairro estava feito e era lindo: para dele se fazer uma idea, transcrevemos a parte referente ao assunto da proposta que o então presidente da Comissão Executiva da Câmara, nosso correligionário Mariano Felgueiras, apresentou e conseguiu que fosse aprovada, em 1916.

Bairro Operário. Foi este assunto um dos que mais cuidados me mereceu. E bem o vale, pois que, em toda a parte, mas muitissimo mais neste terra, se reconhece a inadiavel e imperiosa necessidade de se conseguir para as classes menos abastadas casa confortavel, higienica e barata para sua habitação. Em Guimarães ha uma enorme população operaria que vive amontoadá em perfeitas pocilgas, pelas quais paga uma renda, a maior parte das vezes, superior ás suas posses. E' cruel, é horrivel. Não exagero; esponho o que tenho observado e que todos podem verificar. Mas não é só a classe operaria que, para não emigrar de Guimarães, se vê obrigada a viver de tal forma, infectando-se e atrofiando os seus filhos. Classes mais remedia-

das, mas ainda de poucos meios, daqueles, e tantos são, que não podem pagar mais de 40 a 60 eucudos de renda, da mesma forma são obrigadas a habitar prédios que faltam as mais rudimentares condições higienicas, porcos, imundos, mal cheirosos, sem ar, sem sol, miseraveis. O capitalista vimezanense não manda construir casas. Abrem-se ruas e ficam sem um prédio, o que é tanto mais para lamentar quanto é certo que, neste concelho, o capital não escassa. Tem a Câmara que intervir, remediando em parte o mal, e, sobretudo, estimulando o capital que se tem desviado para outros fins, mostrando-lhe que não é mal remunerado o que se empregar na edificação de casas proprias para habitação humana.

Desejando abranger neste projecto não só a casa para operario que não pode pagar renda superior a 15 ou 20 escudos mas tambem a daqueles que podem ir até 50 e 60 escudos, pareceu-me que melhor seria se construísse uma avenida ampla, ladeada de casas de diferentes aspectos, tamanhos e preços, do que um bairro propriamente dito. Evitar-se-ia assim o aspecto monótono duma fileira ou conjunto de casas pobres todas iguais; conseguir-se-ia, satisfazendo uma fim utilissimo—o de dar ao povo de Guimarães habitação higienica e barata,—embelezar a cidade com uma nova rua superior em elegancia e bom aspecto a todas as que existem.

No intuito de desviar a cidade da parte baixa, que é humida e, porisso mesmo, doentia, entendi que o local escolhido devia encaminhar-nos para o lado norte, mas partindo do centro da cidade, para que não houvesse solução de continuidade, e tendo em vista tambem que não ficasse longe das fábricas e do local onde o commercio se centraliza.

Aproveitei para isso, ampliando-o, um projecto antigo, que já existia, de ligação da rua do Dr. José Sampaio com a rua de Serpa Pinto. E expus a minha idea a um artista novo, mas de grande talento, que, com a maior intelligencia soube compreender, realizar e melhorar a minha idea, apresentando um projecto que demonstra os seus grandes merecimentos e que, sendo executado como espero que seja, honrando-o a ele, honrará, sobretudo, o municipio que o adotou.

Esse artista, humilde e, por enquanto, ignorado, filho desta terra, é o sr. José Luiz Ferreira.

O projecto que apresentou e que fica junto a esta minha proposta compreende uma avenida com 20 metros de largo, ligande a rua do Dr. José Sampaio com a rua de Serpa Pinto, tendo ao centro um canteiro florido de 3 metros de largura. Do largo do Dr. Alberto Sampaio e aproveitando uma via que actualmente ali existe, seguirá, até á projectada avenida, uma rua de 10 metros de largura. A parte da estrada de Fafe que vai do Largo do Dr. Alberto Sampaio até á Rua de Serpa Pinto será ampliada, ficando com 18 metros de largura e com um canteiro florido junto á muralha. Na avenida e na rua que a liga ao L. Alberto Sampaio serão construidas as casas, das quais ha o

